

## OSWALD DE ANDRADE NA CULTURA E NA LITERATURA BRASILEIRA

Elizabeth Ribeiro Lisboa LOPEZ\*

Seu nome completo é José Oswald de Sousa Andrade.

Prosador, poeta, teatrólogo, revolucionário, com a polêmica sempre permeando sua obra, Oswald era um homem plural, o que justifica as afirmações de Mário da Silva Brito: "há tanto ainda que descobrir em Oswald! Há tantos Oswalds ainda por serem ressuscitados!" (3, p.24) "Há um Oswald humorista, satírico, irreverente, gozador, cheio de verve, que através do riso destruiu tabus, preconceitos e idéias feitas, todas as imposturas da falsa seriedade, antes lugares-comuns ditos com ênfase, pompa e solenidade do que pensamentos profundos e, principalmente, fecundos e fecundantes". (3, p.25)

Exemplo disto está no fato de Oswald, ao regressar de sua primeira viagem à Europa em 1912, trazer consigo, para a casa de seus pais, sem estar casado, a francesa Kamiá, mãe de seu primeiro filho. Outro fato digno de nota é que numa sociedade em que a mulher tinha uma condição sufocante, sem direito ao voto e devendo depender do marido, pai ou responsável, Oswald age e reage contra tal situação como mostra seu comportamento amoroso, pois sempre valorizou e se ligou a mulheres atuantes: a bailarina (Landa), a pintora (Tarsila), a militante (Pagu) e a normalista (Deise ou Miss Cyclone). Isso representa um desafio à sociedade estanque de seu tempo. Ainda, segundo Mário da Silva Brito, "diziam que ele só fazia piada, o que não é verdadeiro. Fazia piada também - e com

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação

a graça e arte." (3,p.25) Observa que muitos não notaram que "sua piada era contundente, punha o dedo na ferida, representava uma denúncia, desmascarava em suma os fariseus, a pseudo cultura, o fato mentiroso ou deformado." (3, p.25)

O humor oswaldiano, sempre com alvos definidos e bastante inteligentes, caracteriza-se por seu senso crítico. Esse Oswald gozador é inseparável do "Oswald instantâneo, de réplicas inesperadas e acachapantes." (3, p.26) Por exemplo, numa noite de debates em São Paulo, no Teatro Cultura Artística, acusaram-no de ser amoral por ter se casado várias vezes, ao que ele respondeu: "-Isso só prova que eu sou família." (3, p.63)

Mário da Silva Brito conta que ouviu-o dizer a uma jovem que lhe recriminava os inúmeros casamentos: "-Sou um modesto Henrique VIII, menina." (1, p.63)

Ainda um outro episódio ocorrido no Ginásio São Bento, com um professor de Geografia, um alemão, por quem Oswald sentiu-se perseguido: na época das provas finais estuda muito por estar ameaçado de reprovação em Corografia do Brasil, estudo das regiões e localidades do país. Estuda seguindo as exigências daquele professor que queria tudo decorado pela ordem alfabética.

No dia do exame oral o ponto sorteado para Oswald é o dos portos do Brasil, portos "de segunda ordem". Em vez de texto decorado, no entanto, o professor pede a ele que faça uma estranha viagem, num navio que deve partir do Rio Grande do Sul rumo a Pernambuco sem entrar em nenhum porto de primeira ordem, condição esta que, não cumprida, representaria sua reprovação. Oswald começa a responder sob a expectativa dos alunos da turma, que conheciam sua rixa com o professor. Depois de "passar" por Angra

dos Reis. ele prossegue e fala do Rio de Janeiro que, sendo a capital da República, era porto de primeira ordem. O professor grita, chama-o de cínico enquanto a classe morria de rir. Daí Oswald dá o cheque-mate e, pedindo perdão, diz que desceu no Rio para ir de barca a Niterói. A gargalhada é geral e ele consegue ser aprovado por exigência dos outros docentes da banca examinadora.

Continuando com o Oswald múltiplo, Mário da Silva Brito menciona o visionário, que enxergava antes o que os outros não percebiam logo ou jamais. Menciona o que se negava a praticar uma poesia demagógica e, ainda, o que trabalhava paciente e atenciosamente os seus textos, gastando longo tempo para redigi-los, sempre vigilante e pronto a refazer ou reescrever o que o seu senso crítico apontava como imperfeito: "Há o Oswald preocupado com o apuro de linguagem, a re-invenção dos modos de dizer, a fatura literária liberta dos ranços defendidos pelos gramáticos, o lusitano frasear, o ramerrão do estilo." (3, p.26

Em todos esses Oswalds nota-se a inteligência e sensibilidade profundas, o culto da liberdade, o caráter revolucionário e polêmico e a irreverência criadora, paradoxalmente alegre e mordaz.

O caráter contestador fazia parte de sua própria natureza, abrangendo tanto sua vida como sua obra.

-----

Oswald de Andrade nasceu em São Paulo, em 1890, e lá morreu em 1954, aos 64 anos. Filho único de pais ricos, ele tinha tudo o que queria e gastava quanto quisesse. Adorava a mãe por quem era mimado e a morte dela poucos dias antes da chegada de sua primeira viagem à Europa, em 1912, marcou-o

profundamente. O desaparecimento da mãe marca o dissídio do poeta com Deus, como ele mesmo disse.

As cartas que a mãe lhe escrevia quando estava na Europa mostram bem o caráter de filho mimado. Aconselha-o a se alimentar bem, a vestir-se nos melhores alfaiates, a tomar cuidado com as amizades; enfim, trata-o como se fosse menino. Chega mesmo a mandar-lhe goiaba do Brasil.

A quebra da bolsa em 1929 deixou-o numa situação difícil, assim como toda a burguesia. Passou, portanto, por períodos instáveis financeiramente.

Apesar de ter viajado muito - foi à Europa diversas vezes e visitou também o Oriente - o poeta viveu intensamente a cidade de São Paulo que ponteiava sua obra. Ele acompanhou o seu desenvolvimento e transformações radicais do início do século - por exemplo, do bonde puxado por burros ao bonde elétrico e o processo de urbanização da Vila Cerqueira César, hoje um bairro central de São Paulo e que naquela época pertencia a seu pai, tendo sido anteriormente uma chácara e um sítio de propriedade do mesmo.

A cidade de São Paulo só perde o primeiro plano na vida do poeta por Paris, outro centro importante de sua vida intelectual e pessoal. Lá encontrou o cosmopolitismo cultural - e sexual - que contrastava com o provincianismo paulistano.

Estudou no Ginásio de São Bento e formou-se em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco, sendo que este último curso foi feito em duas etapas, pois, ao matricular-se na faculdade pela primeira vez, Oswald teve uma grande decepção com a escola devido ao trote aplicado pelos veteranos. Interrompeu o curso e só foi terminá-lo anos mais tarde (1917).

Em 1931 foram os estudantes de

direito da referida faculdade que empastelaram o jornal *O homem do povo*, por julgarem ofensivo à sua escola um artigo escrito por Oswald, que se posiciona: "A valentona imbecilidade daquele grupo de trote criou em mim uma verdadeira alergia por tudo que se processe debaixo das arcadas. Daí talvez se originasse minha briga com os estudantes, quando redigi *O homem do povo* em 1931. Apesar de todas as oficiais reconciliações e palinódias, guardo um íntimo horror pela mentalidade da nossa escola de Direito. Por instinto e depois conscientemente sempre repeli esse Direito ali ensinado para engrossar a filosofia do roubo que caracteriza o capitalismo. Aliás, já nesse tempo eu me considerava anarquista." (9, painel 31)

-----

Desde cedo dedicou-se ao jornalismo.

Seu primeiro escrito publicado apareceu em 1909 no *Diário Popular*. O artigo trata de uma viagem do Presidente Afonso Pena ao Paraná e Santa Catarina e seu título é curioso e cheio de conotações: "Penando".

Mais tarde fundou *O Firralho* (1911-1917), revista semanal polêmica, em que, segundo Mário da Silva Brito, "exercia a irreverência e o sarcasmo ou praticava o comentário crítico em torno de temas nacionais e estrangeiros, abordando assuntos de arte, literatura e política." (3, p.116) *O Firralho* é hoje um importante documentário da época.

Trabalhou ainda no *Jornal do Comércio*, em *A Gazeta* e em outros, com reconhecida atuação no primeiro: é nele que Oswald defende Anita Malfatti das críticas de

monteiro Lobato à exposição feita pela pintora, em 1917, no conhecido "Paranóia ou mistificação?". Espaço de promoção da Semana de Arte Moderna e de revelação dos versos de Mário de Andrade no artigo "O meu poeta futurista", assim como de outros trabalhos do mesmo.

É como jornalista que trava o primeiro contato com Mário de Andrade: repórter, Oswald vai a uma festa no Conservatório Dramático e Musical e, nela, Mário é quem saúda o então Secretário da Justiça, Elói Chaves. Faz um discurso notável aos olhos de Oswald e este corre ao palco para pegar o original com a intenção de publicá-lo. Acaba brigando com outro repórter que se atraca com ele para obter o texto disputado, mas sai vencedor: "Bato-o e fico com o discurso. Mário, lisonjeado, torna-se meu amigo". (9, painel 14)

Nesse jornal manterá várias polêmicas "quer com os passadistas, quer com os grupos do modernismo, quando ocorre a divisão entre eles, zombando dos postulados dos movimentos *Verde e Amarelo* e *Anta*, ou dará notícias - estando ausente do Brasil - do que ocorre na Europa no plano estético e político." (3, p.117)

Em 1931 surge *O homem do povo*, fundado e dirigido por Oswald, com Patrícia Galvão (Pagu) e Queiroz Lima. Trata-se de jornal ideológico com apenas oito números editados, pois foi empastelado pelos estudantes de Direito.

A produção jornalística de Oswald é mais uma das múltiplas manifestações do seu talento, sendo indispensável para conhecê-lo melhor e mais profundamente. Quanto aos seus artigos, dispersos por vários jornais, Mário da Silva Brito diz: "Através deles é possível pesquisar-se todo um ideário estético e político, perceber-lhe a capacidade de ser

atual e, em tantos casos, permanente, e ainda o poder de transcender o momento, o episódio e até de antever o futuro, a marcha dos acontecimentos e sua transformação. Neles estão os seus entusiasmos, idiossincrasias, erros, implicâncias e fraquezas, o diagrama de suas vacilações e veemências, inquietudes e inabaláveis convicções. Mais: a coragem de se desdizer, de retratar-se, de dialeticamente contradizer-se, de rever-se a si mesmo, corrigindo enganos, equívocos e às vezes irritada visão de pessoas, fatos e circunstâncias." (3, p.118)

Foi o que ocorreu, por exemplo, com figuras como Monteiro Lobato, Antonio Candido, José Lins do Rego, Cassiano Ricardo e outros.

Sobre este último, escreveu no artigo "Bilhete Aberto": "Basta a gente ver você de fardão na Academia, para sentir que sua natureza participa da dos paquidermes diluvianos e da tartaruga de água doce". (in *Fonta de Lança*). Posteriormente reconheceu em Cassiano um poeta de primeira grandeza: "Mas ainda o maior poeta do Brasil é um velho de 22: Cassiano Ricardo. É grande!". (2, p.251) Em várias outras vezes Oswald assinala o alto valor desse poeta.

Parte da produção jornalística de Oswald está reunida nos volumes *Fonta de Lança*, organizados por ele mesmo, e em *Telefonema*.

-----

Como já foi dito anteriormente, Oswald fez várias viagens ao exterior, visitando também o Oriente.

Na sua primeira viagem à Europa, em 1912, entra em contato com os germes da renovação poética que ali surgem com o

Futurismo. Na volta preparou o ambiente para a revolução modernista brasileira, pregando a rebeldia estética e a negação dos padrões tradicionais.

Mais tarde, articulou com Mário de Andrade e Di Cavalcanti o movimento literário e artístico apresentado oficialmente na Semana de Arte Moderna, de 22, e foi, no entender de Mário de Andrade, a "figura mais característica e dinâmica do movimento modernista". (5, p.25) Sempre esteve ligado às manifestações de vanguarda ocorridas no país.

Através das freqüentes viagens à Europa, mantém ligações com escritores e artistas europeus.

Em 1924 publica no *Correio da Manhã* o "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" e, no ano seguinte, seu livro de poemas do mesmo nome é editado em Paris (Pau-Brasil, Paris, 1925). Em 1928 surge o "Manifesto Antropófago" e a *Revista de Antropofagia*.

Foi esquerdista militante a partir da revolução de 1930, afastando-se do partido comunista somente em 1945.

Nesse mesmo ano obtém em concurso a livre-docência de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.

Fazendo-se um balanço da produção oswaldiana, pode-se dizer que a modernidade de sua obra é devida à penetração crítica, realizada sob o signo do humor e da sátira. Com o senso crítico produtivo, de sua obra emergem propostas inovadoras que o próprio autor coloca em prática.

A sua preocupação literária maior é com a renovação dos modos de dizer; quer uma linguagem inovada e inovadora, livre dos ranços gramaticais e da eloquência vazia, ou seja, do palavreado difícil, verboso e inútil. A preocupação artesanal com a linguagem, que quer libertar das convenções



amordaçantes, permeia prosa e poesia. Luta por uma expressão ágil e simples, sintética e precisa, repudiando a literatura baseada em clichês, frases feitas ou qualquer outro padrão pré-estabelecido. Incorpora à sua criação literária a linguagem coloquial; cria termos inovando o nosso léxico, mas sempre visando a uma linguagem não cristalizada. Oswald consegue dizer muito com um mínimo de palavras.

Como exemplos de termos criados por ele, tem-se os abaixo-relacionados, extraídos de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, todos eles verbos derivados de substantivos ou adjetivos:

a) norte-americanar:

"Pantico norte-americanava. (1, p.24)

b) taxizar:

"O Dr. Pilatos que taxizara comigo uma noite até o perdido bungalou..." (1, p.53)

c) eldorodar:

"E o sertão para lá eldorodava sempre e liberdades". (1, p.39)

d) boulevardear:

"E na extensão armada barracas boulevardearam com brincos populares na festa dos quatro cantos semanais da cidade...mecânica". (1, p.35)

E como estes há inúmeros outros (guardanapar, turcar, transatlantificar, etc).

No "Manifesto da Poesia Pau-Brasil", exemplificada no seu livro de poesias *Pau-Brasil*, Oswald distancia-se dos padrões parnaso-simbolistas, "buscando redescobrir a experiência poética a partir da pureza primitiva do índio e da criança. (8, p.33)

Quanto aos poemas contidos nesse livro, são "poemas brevíssimos, anti-retóricos e antimétricos, numa expressão totalmente livre de preconceitos literários". (6, p.33)

Oswald vai buscar a poesia longe dos moldes e regras tradicionais: cria poesia a partir de textos aparentemente apocátipos, como por exemplo, da enumeração de títulos de livros encontráveis em prateleiras de estantes de província, como observou Haroldo de Campos em relação ao poema "Biblioteca Nacional"; de fragmentos de nossos primeiros contistas ou de paródias de poemas consagrados pelo gosto literário tradicional (vejam-se "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias e "Meus oito anos", de Casemiro de Abreu).

Ainda em relação ao lirismo fervoroso praticado no país, cria a "poesia piada", de fundo humorístico.

Como observou Mário da Silva Brito, em sua poesia há o humor, o lirismo, a piada e a imaginação, a concisão e a fala popular, a ironia e a onomatopéia, a associação inusitada de idéias, as deformações sintáticas e gramaticais, o descritivo e a síntese luminosa.

Vinicius de Moraes o lê: "cria ou insinua quase todos os temas com que iriam lidar os futuros poetas brasileiros". (5, p.26)

No "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" (1925) defende uma poesia de exportação, ou seja, uma poesia inovadora, fruto da criação e invenção de nossos poetas e não da cópia dos padrões estéticos europeus. Nesse sentido, a poesia pau-brasil apresenta-se como produção autenticamente nacional. Nessa proposta nota-se claramente a luta viva pela nossa independência cultural.

No "Manifesto Antropófago" o autor também visa a, como no anterior, dinamizar o estagnado pensamento nacional. Nele contrapõe o primitivismo do índio à opressão européia: defende a valorização do "instinto caraíba", da cultura primitiva, e repudia a imagem do

índio explorado pelos europeus que, julgando-o sem cultura, impuseram-lhe os seus próprios padrões. Daí Oswald dizer que os europeus vestiram o índio. Nesse manifesto, rejeita a moral burguesa recalcada, o patriarcado castrador e opressor; contrapõe duas realidades: "a realidade social vestida e opressora" representada pelo patriarcado e a "realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituição e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama". (7, p.54)

O termo "Pindorama" é o nome que os índios davam ao Brasil e o "matriarcado de Pindorama" refere-se ao estágio social anterior à descoberta do mesmo, o estágio dos povos primitivos anterior à descoberta, o tempo em que a terra era propriedade comum da tribo, desconhecendo-se, portanto, a propriedade privada.

Ao contrapor essas duas realidades, a proposta oswaldiana é bem clara: romper com o sistema e fazer a revolução americana (Caraíba) que seria a unificação de todas as revoltas. Sobre ela, Maria Augusta Fonseca diz: "Anuncia a idade de ouro e tem por objetivo não só a volta ao primitivismo, mas também a adequação na época, "a idade de ouro e todas as girls", súpula de todas as outras acrescentada do novo. Faz-se necessária a adequação ao espírito brasileiro". (7, p.56) E: "Ser antropófago é ser tupi, é voltar às origens do homem primitivo, devorando e assimilando sua cultura". (7, p.55) O "ser tupi" alude à famosa frase de Oswald: "Tupi or not tupi, that is the question".

É importante observar que não se trata de uma retomada do indianismo que valoriza o índio europeizado, mas sim de um indianismo às avessas, do "mau selvagem" canibal devorando criticamente as propostas da civilização e seus embustes.

Mário da Silva Brito define a

antropofagia de modo esclarecedor: "Contrariamente a esses movimentos que desembocariam no integralismo encabeçado por Plínio Salgado, a *Antropofagia* prega o retorno ao primitivo, porém ao primitivo em estado de pureza, ou seja, sem compromissos com a ordem social estabelecida: religião, política, economia. É uma volta ao primitivo antes de suas ligações com a sociedade ocidental européia. A *Antropofagia* valoriza o homem natural, é antiliberal e anticristã, e foi inspirada no capítulo "De Canibalis" dos *Ensaíos* de Montaigne. (9, p.37)

Para a consolidação da visão poética e cultural de Oswald esse Manifesto foi muito importante.

Tanto ele como o "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" reagem contra nossa situação de colônia cultural, emergindo nessa postura seu agudo senso crítico, porta de entrada à sua modernidade.

Também a prosa de Oswald de Andrade é inovadora no "par" *Serafim Ponte Grande* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*, considerado por Antonio Cândido como "Antítese da atitude parnasiana.....formando ambos a fase de negação. (6, p.45)

Em *Memórias Sentimentais de João Miramar* seu trabalho com a linguagem é radical: vai da linguagem jornalística ao recorte cinematográfico, constrói uma nova sintaxe, cria imagens altamente sintéticas e precisas, conseguindo efeitos poéticos extraordinários.

Na opinião de Antonio Cândido, "*Memórias Sentimentais de João Miramar*, além de ser um dos maiores livros da nossa literatura, é uma tentativa seríssima de estilo e narrativa, ao mesmo tempo que um primeiro esboço de sátira social. A burguesia endinheirada roda pelo mundo o seu vazio, as suas convenções, numa esterilidade

apavorante. Miramar é um humorista *pince sans rire* que (como se diria naquele tempo) procura Kodakar a vida imperturbavelmente, por meio de uma linguagem sintética e fulgurante, cheia de soldas arrojadas, de uma concisão lapidar. Graças a esta linguagem viva e expressiva, apoiada em elipses e subentendidos, Oswald de Andrade consegue quase operar uma fusão da prosa com a poesia. (6, p.43-44)

Sobre *Serafim Ponte Grande*, Antonio Cândido afirma que continua na linha combativa e irreverente de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, ts sendo o "acontecimento mais sensacional de sua carreira de ficcionista", assim como "o ponto de ruptura de sua obra com a burguesia". (4, p.44)

Além das mencionadas, há outras obras em prosa: *Os Condenados* (1923), *A Estrela de Absinto* (1926), *A Escada Vermelha* (1934), *Marco Zero* - 1ª vol. (1943), *Marco Zero* - 2ª vol. (1945), *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* (memórias) (1954).

Quanto às peças de teatro que escreveu, são consideradas marcos iniciais do teatro moderno: *O homem e o cavalo* (1934), *A morta* e *O rei da vela* (1937), duas peças escritas em francês com Guilherme de Almeida e que, com a publicação das Obras Completas de Oswald de Andrade pela Ed. Globo, terão sua primeira reedição desde que foram lançadas em Paris na década de 10: *Leur âme* (1916) e *Mon Coeur Balance* (1916).

Escreveu, ainda ensaios: *A Arcádia e a Inconfidência* (1945) e *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950).

Não se pode deixar de mencionar aqui uma obra muito interessante e fundamental, escrita e composta pelos frequentadores da *garçonnière* que Oswald

mantinha à Rua Líbero Badaró, entre 1917-1919, - *O Perfeito Cozinheiro das Almas desse Mundo* -, cuja definição é bem sintetizada por Maria Eugênia Boaventura: "É um caderno de criação coletiva, escrita numa variedade de cores, em que aparece de tudo um pouco: da piada a fatos do momento, até colagens utilizando-se grampos, pentes, ou um poema de Oswald feito com carimbo. Deisi é a musa desses jovens. A maioria dos participantes escreve com um ou mais pseudônimos". (7, p.18) Oswald, em suas memórias, afirma que o seu era Miramar.

Segundo Mário da Silva Brito, nesse diário estão presentes o clima e os personagens que darão origem a e habitarão *Os Condenados*, *Serafim Ponte Grande* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Filia, ainda, - do ponto de vista da estrutura -, estas duas últimas obras àquela produção coletiva: "Do ângulo da estrutura, do caricato das personagens, estes dois últimos livros derivam do diário, nele se enraizam, ali começam inconscientemente. Todo o processo fragmentário de Oswald nasce dessa experiência pessoal de diarista..... Machado Penumbra, de *João Miramar*, é certamente um dos frequentadores da garçonnière. A visão de crimes e traições, de *bas-fond* e desagregação de *Os Condenados*, decorre dos mistérios que cercavam *Miss Ciclone*. Os nomes grotescos ou humorísticos - e por isso mesmo críticos de *Miramar* e *Serafim* - em nada diferem, como espírito ou essência, dos pseudônimos e apelidos usados no *Perfeito Cozinheiro*. O gosto pelo trocadilho, cultivado abusivamente no diário e provindo de Emílio de Menezes, que Oswald frequentou, o amor pelas situações insólitas e imprevistas com tons de sátira e humor, têm a mesma fonte". (3, p.9-10)

Mário da Silva Brito caracteriza o valor dessa obra: "O diário, por outro lado,

tem específico valor - é, em si mesmo, com suas tintas de diversas cores, suas colagens, trechos a carimbo, charges e caligrafias, um objeto criativo, uma invenção como livro, peça rara em sua aparência e organização. É precursor de várias obras que, graficamente, tentam inovar as formas de comunicação. Texto e contexto, aspecto interno e exterior, forma e fundo, estão indissolivelmente ligados nesse precioso documento de uma época e de uma cultura". (4, p.10)

No ano do centenário de nascimento de Oswald de Andrade, 1990, foi iniciada a publicação das Obras Completas do autor pela Ed. Globo em co-edição a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Algumas de suas obras estavam esgotadas desde que saíram, na década de 70, pela Civilização Brasileira. Vários textos inéditos foram e estão sendo publicados, como por exemplo o *Dicionário de bolso*, as duas peças teatrais escritas em francês, *O Perfeito Cozinheiro de Almas desse Mundo - Diário Coletivo*, que até agora só existia em edição fac-similar; *Os Dentes do Dragão*, entrevistas inéditas do escritor entre 1924 e 1954, no ano de sua morte. As crônicas para o jornal *Correio da Manhã* - já reunidas em *Telefonema* - estarão numa edição completa com 559 textos (387 a mais que na anterior), além do poema "O santeiro do mangue" e de uma produção jornalística que será apresentada sob o título de *Banho de sol*.

Cumpram aqui alguns comentários sobre o *Dicionário de bolso*, bem na linha da irreverência oswaldiana. Aí estão reunidas definições dadas por Oswald a mais de cem personagens, desde nomes ilustres da história universal até outros que foram esquecidos por sua irrelevância, incluindo também pessoas de destaque na sua época.

O humor e a sátira mordaz aliados à

síntese são a marca do livro. Por exemplo, Colombo é o "vendedor de ovos em pé que não fez América"; Lampião, "Vírgula na história do Brasil"; Mussolini, "Macarronada com sangue"; Hitler, "Bigodinhos de aço"; Marx, "Esquina da História"; César, "Greta Garbo", e assim por diante.

Concluindo, pode-se retomar a citação de Mário da Silva Brito do início deste trabalho: "Sim, há tanto ainda que descobrir em Oswald! Há tantos Oswalds ainda por serem ressuscitados!"

A modernidade e a vida emergem de toda a sua obra que, agora mais conhecida, tem-se mostrado reveladora de sua importância no panorama literário, artístico e cultural do país: Oswald lutou pela renovação da linguagem, do pensamento e do sentimento nacionais assim como pela sua libertação de preconceitos comprometedores do desenvolvimento de um povo ou de uma geração.

Sua obra repercutiu em todos os setores da vida cultural: cinema, literatura, teatro e música. A poesia concreta tem nele um de seus predecessores e no movimento tropicalista de nossa música popular ressoam irreverências oswaldianas.

Morre em 1954, com raros amigos, dois filhos novos e a última mulher, Maria Antonieta d'Alkmin, para quem escreve poemas belíssimos e de um lirismo renovado em "Cântico dos cânticos para flauta e violão".

No ano de sua morte declara:

"Estou profundamente abatido; desiludido, porque meu chamado não teve resposta". (2, p.237)

Para nossa sorte Oswald se enganou desta vez!



## Referências Bibliográficas

1. ANDRADE, O. de. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Serafim Ponte Grande. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 264 p.
2. BOAVENTURA, M.B. (Org.). *Os dentes do dragão: entrevistas*. São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 255 p. (Obras Completas de Oswald de Andrade)
3. BRITO, M. da S. *Conversa vai, conversa vem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 138 p.
4. BRITO, M. da S. As metamorfoses de Oswald de Andrade. In: \_\_\_\_. *Ângulo e horizonte: de Oswald de Andrade à ficção científica*. São Paulo: Martins
5. BRITO, M. da S. *Panorama da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959. 6v. v.6 214 p.
6. CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. 188 p.
7. FONSECA, M.A. *Oswald de Andrade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 107 p. (Coleção Encanto Radical)
8. PAES, J.P., MOISÉS, M. (Org.). *Pequeno Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967. 278 p.
9. SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura. *Oswald de Andrade personagem: memórias e confissões*.

São Paulo: Oficina Cultural Oswald de Andrade, 1990. (Painéis de Museu de Rua)

#### Bibliografia consultada

- ANDRADE, O. de. *Fonta de Lança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. 110 p.
- ANDRADE, O. de. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Serafim Fonte Grande. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 264 p.
- ANDRADE, O. *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe - memórias e confissões*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 140p.
- ANDRADE, O. de. *Poesias Reunidas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 203 p.
- BOAVENTURA, M.E. (Org.) *Dicionário de bolso*. São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 141 p. (Obras Completas de Oswald de Andrade)
- BOAVENTURA, M.B. (Org.). *Os dentes do dragão: entrevistas*. São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 255 p. (Obras Completas de Oswald de Andrade)
- BRITO, M. da S. José Oswald de Sousa Andrade. In:\_\_\_\_\_ *Panorama da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1959. 6v. v.6 214 p.
- BRITO, M. da S. *Conversa vai, conversa vem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 138 p.

BRITO, M. da S. Fases da poesia modernista brasileira. In: \_\_\_ *Ângulo e horizonte: de Oswald de Andrade à ficção científica*. São Paulo: Martins.

BRITO, M. da S. As metamorfoses de Oswald de Andrade. In: \_\_\_ *Ângulo e horizonte: de Oswald de Andrade à ficção científica*. São Paulo: Martins

CAMPOS, H. de. *Ruptura dos Gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977. 80 p. (Col. Elos)

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. 188 p.

FONSECA, M.A. *Oswald de Andrade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 107 p. (Coleção Encanto Radical)

FONSECA, M.A. *Oswald de Andrade, 1890-1954: biografia*. São Paulo: Art Editora, Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 341 p.

LEITE NETO, A. A volta do chic-boy. *Isto é*, São Paulo, n. 1096, p.76-77, set. 1990.

LUFT, C.P. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1969.

PAES, J.P., MOISÉS, M. (Org.). *Pequeno Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967. 278 p.

REMATE DE MALES. *Oswald de Andrade*. Campinas: UNICAMP, n.6, jun. 1986, 126 p. Edição especial.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura.  
*Oswald de Andrade personagem: memórias e confissões.* São Paulo: Oficina Cultural Oswald de Andrade, 1990. (Painéis de Museu Ide Rua)